

LIVRO

Amazônia sem clichês

Fotos de Martinelli estimulam investigação

MÁRCIO FERRARI
de São Paulo

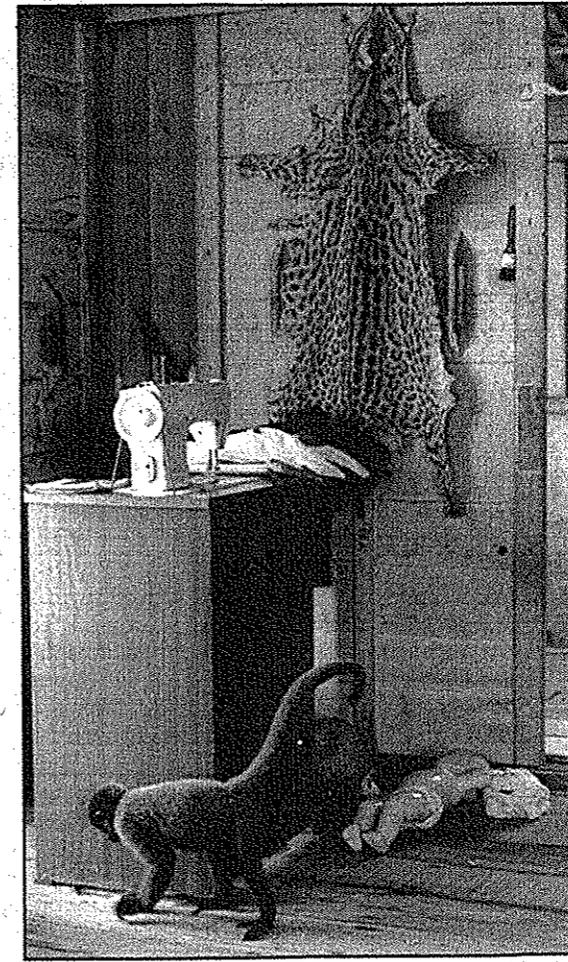
Nem sempre as fotografias de Pedro Martinelli se parecem com o autor. O fotógrafo se impôs a missão de realizar um inventário, tão exaustivo quanto possível, do dia-a-dia do caboclo da Amazônia. Ao falar, com a angústia inevitável de quem vê seu universo de estudo e afeição se degradar a cada visita, Martinelli freqüentemente se exalta. Adota um discurso que ele próprio critica como panfletário. Nada mais distante, no tom, das minuciosas, matizadas e sutis fotografias que compõem o livro "Amazônia: o Povo das Águas", com lançamento marcado para esta segunda-feira, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. No dia seguinte, começa a exposição de 55 das mais de 300 fotos reunidas no volume, em cartaz até 27 de julho.

Contra o genérico e o excessivo, a pressa e a paixão partidária, Martinelli burila com paciência os assuntos que recorta da floresta. "Há temas em que eu trabalho durante seis, oito anos, e só dou por acabados quando acho que a história está bem contada", diz ele.

Não é preciosismo, nem apenas dedicação a uma arte que Martinelli domina como poucos. O objetivo é realizar a prospecção de cada pequena peça que compõe a vida dos 5 milhões de pessoas que vivem entre as águas e a selva sob a enorme mancha verde que cobre dois terços do Brasil. Para isso, há seis anos ele vive mais da metade de seu tempo navegando num barco em expedições fluviais quase solitárias. A investigação antropológica pretende dissipar, na medida do possível, os estereótipos sobre a Amazônia. "Nada de arara, índio fantasiado para a cerimônia do quarup ou vistas aéreas", decreta Martinelli. "Eu tive contato com o índio selvagem", orgulha-se, e é aí que começa sua saga particular.

Em 1972, Martinelli, então com 22 anos, foi escalado pelo jornal "O Globo" para acompanhar a expedição dos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Bôas rumo ao primeiro conta-

to com os índios kranhacãores, hoje rebatizados de panarás. Acompanhar não é bem a palavra. Dois outros fotógrafos do jornal já tinham sido convocados a participar do grupo que se dirigiria à área onde vivia a tribo esquiva, num dos pontos a serem rasgados pela rodovia Cuiabá-Santarém. Ambos haviam voltado, por razões di-



"Coari — Setembro '1996" e "Munducuru — Abril 1995": um olhar desassombrado

versas, e Martinelli — "louco por mato", segundo as próprias palavras — teve de alcançar a expedição depois de três dias de caminhada, orientado por habitantes da região. Numa seção especial do livro agora lançado estão as fotos da tribo, desde a imagem dos índios atacando com flechas o avião de intrusos (do ponto de vista do alvo) até um retrato, 22 anos depois, do primeiro kranhacãore a fazer contato com os Villas Bôas. Nesse meio tempo, os membros da nação indígena, em contato com a civilização branca e doenças que não conheciam, sofreram um processo de dizimação.

Da convivência com os irmãos e da proximidade com essa tragédia, Mar-

tinelli parece ter desenvolvido o saudável hábito da dúvida. O regime militar brasileiro havia feito da Amazônia, por suas dimensões superlativas e presumida cornucópia de riquezas, um estandarte de propaganda. Civilizar índios, abrir estradas, descobrir ouro eram idéias que sustentavam a noção de progresso. "Eles sempre remoeram essa questão", diz Martinelli, em referência aos Villas Bôas. "Sempre trabalharam angustiados. Sabiam que o contato com os índios podia ser o fim das culturas. Mas concluíam que era melhor que eles fizessem esse trabalho." No caso dos kranhacãore/panarás, Cláudio e Orlando conseguiram, ainda que tardiamente, transferir os

sobreviventes da hecatombe epidemiológica a um abrigo seguro no Parque Nacional do Xingu, e hoje, de volta a suas terras de origem, a tribo cresce em proporção quase equivalente ao momento do contato.

"Eu não tenho opinião formada", diz Martinelli sobre políticas em relação à Amazônia. Seu livro, diz ele, pretende "acender uma lâmpada", a ser reforçada por outras, conforme novas reuniões de fotos resultem de suas viagens pelos rios da região. Isso pode demorar um pouco. Para obter uma seqüência que documenta a pesca de um pirarucu por um caboclo, Martinelli esperou um ano, até finalmente chegar a oportunidade de registrar o

processo passo a passo. O fotógrafo decidiu acompanhar as imagens de lendas, como na imprensa. "É uma fotonovela da Amazônia", esculhamba com seu vozeirão.

Martinelli insiste que o livro cumprirá o objetivo "se der um chacoalhão em algum burocrata de Brasília que toma decisões sobre a Amazônia sem sair do gabinete". É uma meta tão boa quanto qualquer outra, mas sugere, enganosamente, que seu trabalho seja estridente ou esteticamente precário. Muito ao contrário, o fotógrafo é um mestre de uma arte sempre prejudicada pela onipresença e pela falsa reputação de objetividade. Ao recusar facilidades, Martinelli cerca-se de precauções para dar sua melhor visão de um cenário que ele mesmo considera "monocromático", banhado por uma luz que, durante a maior parte do tempo, é "muito dura, muito ruim". Para imprimir sutilezas, trabalha sempre "no limite da escuridão", no amanhecer ou no crepúsculo. Prefere o preto-e-branco, não por sua suposta elegância ou austeridade, mas, ao contrário, para poder manipular mais detalhes. Algumas das imagens do livro dão a impressão de superar o número conhecido de gradações de cinza.

Na intrincada e exuberante vegetação, até mesmo nas paisagens devastadas pela agressão, Martinelli encontra algum tipo de ordem, lança um olhar acolhedor. Ele navega no rumo contrário ao de fotógrafos que mobilizam todos os recursos possíveis para glorificar a miséria ou santificar a escravidão. Em suas fotos ninguém se perde. Um bêbado é fotografado com o mesmo desassombro que um garoto ensaboado no rio ou um juteiro submetido a um dos mais desumanos métodos de trabalho de que se tem notícia. Não raro os personagens olham para a câmera, a denunciar o fotógrafo e a distância entre a realidade e a imagem. O trabalho de Martinelli — que pode ser visitado também pela internet, no site pedromartinelli.com.br — exala dignidade, não dilaceramento ou piedade.

Pedro Martinelli/Reproduções